

DIÁLOGOS DIÁRIOS: DIÁLOGOS PLURAIS *IN* DIÁRIOS SINGULARES

DANIELE MORAES DA SILVA¹; ANDRISA KEMEL ZANELLA²; MARIA HELENA
MENNA BARRETO ABRAHÃO³

¹Universidade Federal de Pelotas – moraesdani00@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – andrisa.kemel@ufpel.edu.br

³Universidade Federal de Pelotas – abrahaomhmb@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Dentro de diálogos singulares, encontro diálogos plurais. São nestes diálogos diários que, todos os dias, dialogo comigo e com todas as outras de mim. Meu objetivo, nesta pesquisa, é trazer à tona a discussão que uma pesquisa científica pode ser fundamentada a partir de questões mais sutis e de forma mais poética. A academia não é (nem precisa) ser dura, a academia é o momento em que nos encontramos com os nossos e com a verdade mais interna que habita em nós. Com uma escrita sutil e criativa desejo buscar discussões e alicerces para que nossos “eus” não fiquem guardados atrás de limitações. Para abordar tais questões, utilizo meus diários autobiográficos nos quais armazeno toda a discussão que constitui meus memoriais (auto)formativos. Estes memoriais são a fonte desta pesquisa, os diários meu objeto de estudo o qual se dá por meio da pesquisa (auto)biográfica e da cartografia como método de pesquisa.

Uma pesquisa (auto)biográfica é uma investigação/ato de intensa reflexão acerca de caminhada, percurso e formação. Faz pensar e repensar, criar e recriar, gera movimento e transformação. Ao acessar na memória fatos que ficaram para trás, seja por descuido, desejo ou esquecimento desejado, são estes que darão corpo e sentido para que eu retrate esta história, singular, plural e universal. O que trarei? O que devo trazer? Devo? Por que ou por quem? São questões que não se dissipam no decorrer de todas as páginas que compõem esta pesquisa e narrativa. Ao (tentar) responder todas elas penso no que/qual parte quero revelar ao outro e o que me revelará enquanto pesquisadora. São reflexões constantes, dilemas permanentes, mas a certeza que em cada passo deve ser colocado, realocado e contribuído! .

2. METODOLOGIA

Nesta pesquisa a metodologia utilizada é a cartografia. Início parafraseando Barros e Kastrup (2015) e digo que trabalhar com o método cartográfico é acompanhar processos. Isto é, no lugar de primeiramente estabelecer metas e objetivos para então iniciar a caminhada, simplesmente inicie... Iniciemos... Caminhemos... E então no decorrer do caminho e no acompanhamento do processo encontraremos os propósitos. Os autores sugerem uma reversão do método. Ao considerar a etimologia da palavra metodologia – *metá-hódos* – *metá* significa meta e *hódos* significa caminho. Desta forma, a sugestão é de inverter a ordem e pensar em *hódos-metá*, caminhar para estabelecer a meta.

Refiro muito, nesta pesquisa, os mapas inacabados, em construção e transformação constantes. Esta referência mais uma vez acompanha o método do estudo que é a cartografia. Segundo Deleuze e Guattari (2012, p.21) “O mapa é aberto, é conectável em todas as suas dimensões, desmontável, reversível, suscetível de receber modificações constantemente”.

É nesta suscetibilidade de mutações que me entrego e deixo o destino se tornar surpresa. Uma cartógrafa-artista-pesquisadora que tem por sua função essencial “dar língua para afetos que pedem passagem” (ROLNIK, 2016, p. 23). Percebo a mim imergindo e emergindo em minhas intensidades, tempos e mundos utilizando tudo o que me serve para fundamentar e constituir minhas cartografias. Nós, cartógrafos, alimentamo-nos de nós e de tudo o que somos em pluralidade... Bem como de tudo o que nos consiste. Meu desejo é dar passagem, fazer passagem... Desejo, por meio do método cartográfico, ser a passagem de/entre tudo o que habita nos vãos e nos espaços.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Quando optei por fazer da minha história uma pesquisa, ou ainda, quando percebi em minha história um delineamento de pesquisa, estabeleci um diálogo diário e constante com minha trajetória, vivências e experiências. Em cada página dos meus diários percebo o tanto de mim que há ali e o tanto do mundo que está em mim. Trago em minhas páginas as verdades, doídas ou não, as memórias e tudo o que reverbera de mais intenso dentro do meu ser.

No momento em que olho para meus escritos, os quais chamo de escritos (*auto*)*bio-meus* percebo o tanto que há ali, em cada linha, parte do meu processo

formativo. Percebo que este processo é composto de (e nestes) escritos. Há neste emaranhado de letras e combinação de sílabas, uma trajetória, uma formação, uma vida. Uma narrativa que é vida e que forma a ação, que em formação constrói a pesquisa (auto)formação, uma formação do si! A formação do percurso em curso... Constante, fluido e (auto)formativo. E o que todos estes elementos abarcam como constituintes de uma pesquisa subjetiva poética científica são as possibilidades variáveis e o entendimento de que “trabalhamos antes com emoções e intuições do que com dados exatos e acabados; com subjetividades, portanto, antes do que com o conhecimento objetivo.” (ABRAHÃO, 2011).

Desta forma, com emoção e imaginação, com lembrança e com memória, com referência e significação, a escrita de vida, a escrita da vida, uma constante produção. Produção de uma pesquisa (auto)formação¹ a partir de escritos que serão para sempre meus, mas divididos com outras vidas na busca por transformação.

Ao considerar a posição de Josso (2002), cabe apontar a questão de o imaginário ser de extrema importância por propiciar novas vertentes e possibilidades para que se interprete narrativas com suas histórias de vida. Relacionando este aspecto a uma construção (assim como uma interpretação) mais profunda a respeito dos fatos, dados e acontecimentos narrados, penso que se torna cabível a provocação por uma pesquisa que parte de um diário e que constitui uma base sólida de referência para futuros estudos.

4. CONCLUSÕES

Escutar que uma pesquisa de mestrado deve ser original me remete ao fato de que não há a possibilidade de construirmos algo fora da originalidade e ineditismo... Pois nossa vida não é repetição! No momento em que exponho minhas fragilidades e me permito ser abraçada (no lugar de sucumbida) por isso, entendo que há de existir empatia e acolhimento na escuta. Dois pontos importantes na pesquisa (auto)biográfica: o existir e o acolher! Entendo que a pesquisa (auto)biográfica pode (em certo ponto) não ser libertadora, mas ela libera o caminho no qual quero me libertar e existir.

¹ Termo que utilizo fazendo referência à pesquisa-formação de Josso, porém aqui, utilizo como uma formação de mim, individual, singular, plural... De uma constante e ininterrupta (auto)formação.

O caminhar para si é caminhar para o mundo e é caminhar para o outro... Faço essa caminhada entre seres e entre páginas, nas linhas e entrelinhas... Uma (auto)biografia em movimento constituída por uma (auto)formação em constante desenvolvimento.

Uma pesquisa (auto)formação, bem como qualquer processo formativo, será sempre experiencial, criador e criativo. Sendo assim, uma pesquisa por este viés, acima de qualquer contexto, conceito e/ou definição, deve ser autoral. Não apenas autoral no sentido “eu que escrevi”, mas autoral no sentido “eu produzi, senti e respirei o que escrevi”... Produzi, mergulhei, experienciei e vivi cada linha e cada pontuação desta dissertação. Tornamo-nos uma e nos tornamos única, não nos separamos nem nos distanciamos. Vivemos o processo sublime de autoria... De ser a autora. De escrever e tornar essa escrita um processo de estudo. Um estudo que se transforma, que cria e recria-se (a si mesmo)... Mais que uma poética, uma poiética... A autopoiesis.

5. REFERÊNCIAS

ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. Memoriais de formação: a (re)significação das imagens-lembranças/recordações-referências para a pedagoga em formação. **Educação**, Porto Alegre, v.34, n.2, p.165-172. maio/ago. 2011.

BARROS, Regina Benevides de.; PASSOS, Eduardo. A Cartografia como método de pesquisa-intervenção. In: Eduardo Passos; Virginia Kastrup; Liliana da Escóssia. (Org.). **Pistas do método de cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. 1a ed. Porto Alegre: Sulina, 2015.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Tradução Suely Rolnik. São Paulo: Editora 34, 2012.

JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de vida e formação**. Tradução José Cláudio e Júlia Ferreira. São Paulo: Cortez, 2004.

ROLNIK, Suely. **Cartografia Sentimental** – transformações contemporâneas do desejo. 2ª ed. Porto Alegre: Sulina, 2016.